

A EFETIVIDADE DA REDE DE APOIO E ACEITAÇÃO APÓS O DIAGNÓSTICO DE SÍNDROME DE DOWN (SD) - DO DIAGNÓSTICO A TERAPIA OCUPACIONAL: REVISÃO DA LITERATURA

Anderson da Conceição França¹
Gabriele Costa Gutierrez²
Juliane de Alemito Cupertino³
Karine da Silva Nascimento⁴
Milena Maria de Oliveira dos Santos⁵
Jarlon Conceição da Costa⁶

RESUMO

A Síndrome de Down, caracterizada pela trissomia do cromossomo 21, afeta aproximadamente 1 em cada 600 a 800 nascimentos no Brasil, e sua detecção se dá, muitas vezes, por ultrassonografia e análise de cariótipo. O momento do diagnóstico da Síndrome de Down costuma ser um acontecimento que modifica a vida das famílias, onde a descoberta é marcada por uma série de desafios, incertezas, medos e preocupações com o futuro. O presente estudo teve como objetivo conhecer os principais fatores que influenciam no processo da aceitação dos pais de crianças com Síndrome de Down. Este estudo trata-se de uma revisão integrativa com base em artigos selecionados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) dos últimos dez anos. O estudo evidenciou como a recepção do diagnóstico gera reações complexas nas mães, como choque e tristeza, que podem ser atenuadas por redes de apoio, incluindo família, amigos e profissionais especializados. As redes de apoio, que incluem familiares, amigos e serviços especializados, desempenham um papel crucial na adaptação das famílias a essa nova realidade. A falta de preparo dos médicos para comunicar o diagnóstico também é um ponto crítico, influenciando o bem-estar emocional dos pais. Além disso, a revisão aborda a necessidade de intervenções precoces, como atividades físicas, que podem melhorar significativamente o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças. Portanto, as estratégias de enfrentamento e as práticas de exercício físico emergem como essenciais para o desenvolvimento das crianças com SD, ressaltando a relevância de uma abordagem interprofissional no cuidado e na promoção da qualidade de vida dessas famílias.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Diagnóstico. Terapia ocupacional. Efetividade.

ABSTRACT

Down Syndrome, characterized by trisomy of chromosome 21, affects approximately 1 in every 600 to 800 births in Brazil, and its detection is often done by ultrasound and karyotype analysis. The moment of diagnosis of Down Syndrome is usually a life-changing event for families, where the discovery is marked by a series of challenges, uncertainties, fears and concerns about the future. The present study aims to understand the main factors that influence the process of acceptance by parents of children with DS. This study is an integrative review based on articles selected from the Virtual Health Library (VHL) from the last ten years. The study showed how receiving the diagnosis generates complex reactions in mothers, such as shock and sadness, which can be mitigated by support networks, including family, friends and specialized professionals. Support networks, which include family, friends and specialized services, play a crucial role in the adaptation of families to this new reality. The lack of preparation of physicians to communicate the diagnosis is also a critical point, influencing the emotional well-being of parents. In addition, the review addresses the need for early interventions, such as physical activities, which can significantly improve children's cognitive and motor development. Therefore, coping strategies and physical exercise practices emerge as essential for the development of children with DS,

¹ Graduando em Biomedicina do Centro Universitário UniFTC - Salvador. *E-mail:* andersonfranca025@gmail.com

² Graduanda em Psicologia do Centro Universitário UniFTC - Salvador. *E-mail:* gabrielecgut@gmail.com

³ Graduanda em Educação Física do Centro Universitário UniFTC - Salvador. *E-mail:* juliane.cupertino@ftc.edu.br

⁴ Graduanda em Biomedicina do Centro Universitário UniFTC - Salvador. *E-mail:* karineacademico6@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário UniFTC - Salvador. *E-mail:* mila.oliveira.1@hotmail.com

⁶ Docente do Centro Universitário UniFTC – Salvador. *E-mail:* Jarlon.costa@ftc.edu.br

highlighting the relevance of an interprofessional approach in the care and promotion of the quality of life of these families.

Keywords: Down syndrome. Diagnosis. Occupational therapy. Effectiveness.

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down (SD), dentre outras síndromes dos cromossomos é a mais frequente, resultando na trissomia dos cromossomos 21. Em algumas pesquisas já feitas, mostra que no Brasil nasce uma criança com SD, entre 600 e 800 bebês, independente de etnia. Já globalmente é visto que nascem entre 1 a 600 e 1 a 1000 com a Síndrome do cromossomo 21, sendo bem importante o destaque para mulheres que engravidam mais velhas, tornando assim um maior risco para o bebê vir com a Síndrome do cromossomo 21/ Síndrome de Down (Barros *et al.*, 2017).

A Síndrome de Down pode se manifestar de três maneiras: trissomia 21 simples, translocação e mosaico. Essas alterações genéticas trazem consigo certas características físicas e cognitivas que podem impactar no desenvolvimento da criança. O diagnóstico é feito pela observação dessas características e é confirmado por um exame de cariótipo, que analisa a estrutura cromossômica (Oliveira *et al.*, 2017).

As cromossomopatias afetam entre 0,1% e 0,2% dos bebês nascidos vivos, com a trissomia do cromossomo 21 sendo a mais prevalente. Quando realizada entre a 16ª e a 23ª semana de gestação, a ultrassonografia morfológica tem uma taxa de detecção de 75% para essa condição, mas apresenta uma taxa de falso-positivo que varia de 10% a 15% (Emer *et al.*, 2015).

A análise de cariótipos é uma ferramenta crucial para o diagnóstico da Síndrome de Down (SD). Essa análise permite identificar diferentes mecanismos genéticos que podem causar a síndrome. Além de confirmar o diagnóstico, o cariótipo é fundamental para orientar o aconselhamento genético, especialmente em casos de translocação, onde há maior risco de recorrência em futuras gestações (Avelar *et al.*, 2019).

O momento do diagnóstico da Síndrome de Down costuma ser um acontecimento que modifica a vida das famílias, onde a descoberta é marcada por uma série de desafios, incertezas, medos e preocupações com o futuro. Deste modo, a forma como essa informação é processada pode influenciar na aceitação, no bem-estar emocional dos pais, na dinâmica familiar e social dos mesmos (Couto, 2017).

No estudo de Souza *et al.* (2023), em uma entrevista realizada com nove mães de crianças com Síndrome de Down, foram descritas reações emocionais intensas que mostram a complexidade envolvida após o diagnóstico da SD. Dentre os sentimentos descritos, incluem: choque, tristeza, raiva, desespero, angústia, muitas vezes acompanhados de choro e uma sensação de luto pelo filho que foi idealizado. Além disso, houve relatos de rejeição à criança e o medo de gestar novamente.

Ainda no estudo de Souza *et al.* (2023), as mães em sua maioria ao serem questionadas sobre suas redes de apoio, mencionaram a família, a importância dos serviços especializados voltados ao atendimento das crianças com SD e suas famílias, bem como amigos e outras mães que também têm filhos com a mesma condição, profissionais de saúde e a leitura e espiritualidade como fontes de fortalecimento e apoio.

O estudo de Rodrigues *et al.* (2022), aborda a importância do cuidado integral para a criança com síndrome de Down e sua família, destacando que esse cuidado promove um desenvolvimento completo da criança. Ele contribui para suas capacidades funcionais, neuropsicomotoras, no desempenho humano e em sua saúde. Além disso, o cuidado integral ajuda a criança a compreender seu papel em todas as áreas de sua vida, incluindo as esferas biológica, psicológica e social, o que favorece seu crescimento e participação ativa em diferentes aspectos na vida.

Nesse contexto, a rede de apoio desempenha um importante papel na forma como os pais e familiares recebem e lidam com o diagnóstico, no enfrentamento dos desafios, na adaptação à nova realidade e na promoção do bem estar de seus filhos (Lira *et al.*, 2022).

O exercício físico já foi constatado como toda atividade física que sai da inércia e aprimora as valências físicas do ser humano e a atividade física infantil protege contra lesões precoces, ajuda no desenvolvimento motor, no controle de peso e aumenta as chances de um futuro mais ativo (Brasil, 2022).

Trazendo para o contexto das crianças com Síndrome de Down, elas apresentam hipotonia muscular, alterações motoras, dentre outros aspectos fisiológicos. Diante do exposto, a prática de exercícios físicos é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento motor das crianças (Revista brasileira de educação e especialização 2015).

A literatura destaca que a colaboração interprofissional permite um

atendimento mais holístico e centrado na família, englobando não apenas aspectos clínicos, mas também sociais e emocionais. Profissionais de diversas áreas, como médicos, psicólogos, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais, trabalham juntos para proporcionar intervenções personalizadas e eficazes, alinhadas às necessidades específicas de cada família e indivíduo (Peduzzi, et al. 2018).

Diante do exposto, o presente estudo teve como questionamento norteador: como a rede de apoio influencia na aceitação e no bem estar dos pais de crianças com Síndrome de Down após o diagnóstico? Assim, o presente estudo objetivou conhecer os principais fatores que influenciam no processo da aceitação dos pais de crianças com SD, além dos desafios e estratégias de enfrentamento utilizadas desde a descoberta da Síndrome de Down em seus filhos. Ademais, buscou-se ainda evidenciar o impacto positivo precoce no desenvolvimento das habilidades motoras das crianças com SD através da prática de exercícios.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um artigo de revisão bibliográfica integrativa, descritiva com elementos quantitativos para coleta de dados com objetivo de entender como os pais de crianças com Síndrome de Down conseguem lidar com a aceitação e como as redes de apoio se tornam necessárias após o diagnóstico.

Para a seleção dos artigos, foi realizada uma busca no período de agosto de 2024 e outubro de 2024, utilizando a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Durante o processo de pesquisa foram utilizados os descritores de busca: Síndrome de Down, Diagnóstico para Síndrome de Down, Famílias e Síndrome de Down, Trissomia do Cromossomo, Recursos Familiares, Apoio Social. Também foi utilizada a forma de busca avançada e para encontrar um número maior de publicações, foi utilizado o operador booleano *AND*, da seguinte forma: “Síndrome de Down *AND* Diagnóstico”, “Síndrome de Down *AND* Rede de apoio”, “Diagnóstico *AND* Terapia ocupacional”, “Diagnóstico *AND* Efetividade”.

Considerou-se para pesquisa textos completos em língua portuguesa e disponíveis na íntegra e de forma gratuita na plataforma pesquisada. Foram excluídos artigos duplicados, que tinham como metodologia pesquisa de revisão bibliográfica, que não correspondiam especificamente com a temática escolhida.

Na busca inicial 100 artigos foram encontrados, sendo 10 dentre esses artigos selecionados para prosseguir com a pesquisa e compor a presente revisão. Após a seleção e leitura dinâmica dos artigos para composição da presente revisão, as principais informações desses estudos, serão apresentados a seguir, em um quadro contendo uma síntese das principais características dos estudos incluídos nesta revisão integrativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro-síntese abaixo mostra os resultados da revisão integrativa que aborda os estudos sobre a efetividade da rede de apoio e aceitação após o diagnóstico de Síndrome de Down.

Quadro 1. Quadro-síntese das características dos estudos incluídos na revisão integrativa.

Autor e ano de publicação	Objetivo	Tipo de estudo	Resultados
Emer <i>et al.</i> (2015)	Descrever a prevalência das malformações encontradas nos fetos com trissomia dos cromossomos 13, 18 e 21, identificando as mais frequentes em cada condição.	Estudo transversal retrospectivo, com análise dos casos de trissomias dos cromossomos 13, 18 e 21	Em 840 exames realizados, foram diagnosticados 69 casos de trissomias; nove deles foram excluídos por desfecho ocorrido fora do Hospital de Clínicas de Porto Alegre ou prontuário incompleto, restando 60 casos (nove de trissomia do cromossomo 13, 26 do cromossomo 18 e 25 do cromossomo 21)
Anunciação, Costa e Denari (2015)	Identificar qual o nível de desenvolvimento	Estudo de caso qualitativo.	Como resultado constatou-se que o aluno avançou em

	motor de uma criança com Síndrome de Down (SD) no contexto educacional, intervir com estratégias de ensino necessárias para responder às necessidades de seu desenvolvimento e avaliar os avanços no seu desenvolvimento após a intervenção.		relação à faixa etária inicial referente ao período de um a dois anos para a idade entre dois a três anos em seu desenvolvimento.
Barros <i>et al.</i> (2017)	Avaliar o perfil e a sobrecarga de cuidadores de crianças e adolescentes com e sem síndrome de down.	Estudo descritivo e quantitativo.	O grupo estudo apresentou porcentagem significativamente maior ($p = 0,001$) de cuidadores do sexo feminino, na faixa etária de 41-60 anos ($p < 0,001$), que não possuíam ocupação laboral ($p < 0,001$) e com baixa renda per capita ($p < 0,001$).
Couto (2017)	Analisar as perspectivas dos cuidadores primários acerca do diagnóstico da síndrome de Down e o processo de adaptação das famílias de crianças com até 3 anos de idade.	Estudo de abordagem qualitativa, do tipo exploratório.	Os cuidadores se referem a sentimentos e experiências negativas diante da informação do diagnóstico de SD, entretanto, com o passar do tempo, expressam apreciação mais positiva sobre a situação de ter um filho com SD. Os

			elementos que constituem o processo de adaptação, segundo o referencial teórico, bem como sua inter-relação, foram visualizados e compreendidos nas famílias estudadas.
Brasil (2018)	Informar sobre a importância da atividade física infantil.	Pesquisa informativa.	Benefícios expostos da atividade física na infância.
Avelar <i>et al.</i> (2019)	Fornecer o laudo citogenético a indivíduos clinicamente diagnosticados com SD, bem como identificar se existem portadores de translocação cromossômica, encaminhando-os para o aconselhamento genético.	Estudo transversal de caráter clínico e experimental em parceria com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Maringá.	Foram encontrados 40 pacientes diagnosticados clinicamente com SD, mas sem confirmação da SD por exame específico, e 38 pacientes diagnosticados clinicamente para SD, mas que não souberam informar se possuíam laudo citogenético. Os testes foram realizados com concentrações fixas de 1 ml de soro albumina fetal, 1 mL de sangue total e 3,8ml de solução RPMI 1640, com variação de fitohemaglutinina e tempo de aplicação da colchicina.
Rodrigues <i>et al.</i> (2022)	Compreender a experiência de enfermeiros atuantes na Rede de Atenção à Saúde de um	Trata-se de uma pesquisa qualitativa respaldada pelo referencial metodológico da	As categorias delinearam a experiência do enfermeiro em relação: à sua função no processo

	município do interior paulista com os atendimentos às necessidades de saúde das famílias de crianças com Síndrome de Down (SD).	Teoria Fundamentada nos Dados.	de cuidado à criança e de assistência à família; nos atendimentos às crianças com SD em relação a seus conhecimentos prévios e dificuldades na prática; às inseguranças correspondentes à escassez de conhecimento durante a graduação e a vida profissional, incluindo os preconceitos e tabus em relação à SD na sociedade.
Lira <i>et al.</i> (2022)	Descrever a rede social e o tipo de apoio recebido por cuidadores de crianças com Síndrome de Down.	Estudo descritivo com abordagem qualitativa com base no referencial metodológico de Sanicola.	As redes sociais dos cuidadores entrevistados são predominantemente pequenas, pouco densas, marcadas por fortes relações com familiares e amigos. Na análise das falas foram identificadas três categorias: apoio emocional da família, suporte emocional e financeiro dos amigos e insatisfação com o serviço de saúde.
Souza <i>et al.</i> (2023)	Compreender as percepções maternas acerca do diagnóstico de Síndrome de Down (SD) de seus filhos quando crianças.	Estudo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa.	Os dados foram analisados e emergiram duas categorias principais: 1) As percepções maternas em relação à

			comunicação do diagnóstico de SD do filho; 2) As percepções maternas acerca do Impacto do diagnóstico de SD.
Lunardi et al. (2023)	Conhecer as experiências de mães e médicos em relação ao anúncio do diagnóstico de síndrome de Down (SD).	Pesquisa exploratória e transversal, com delineamento qualitativo.	Constatou-se que, para mães e médicos, é uma experiência complexa e de sentimentos ambivalentes, isso foi atribuído por elas e pelos médicos à falta de preparo durante a formação profissional.

Seguindo os resultados apresentados, o estudo de Barros *et al.* (2017), mostra que existe uma disparidade entre cuidadores do sexo masculino e feminino no que corresponde cuidar de crianças e adolescentes com síndrome de Down, sendo a sobrecarga dos cuidados mais incidente ao sexo feminino, contribuindo, assim, que a mulher continue sendo vista como provedora de cuidados, podendo trazer consequências advindas do acúmulo de responsabilidade.

É sabido que a comunicação do diagnóstico geralmente é papel profissional médico. De acordo com Lunardi *et al.* (2023) quando se tem suspeita da Síndrome de Down na gestação, o processo de comunicação torna-se mais tranquilo; no nascimento, os pais já vão estar mais preparados e, com isso, serão menos impactantes. Mas, a maioria dos médicos têm dificuldades na comunicação de diagnóstico inesperado, isso se atribui a falta de preparo durante a formação profissional.

No estudo feito por Emer *et al.* (2015) sobre as malformações congênitas em fetos com trissomias dos cromossomos 13, 18 e 21, podemos associar essas diversas malformações, com destaque para cardiopatias como a comunicação interventricular na trissomia 21. O estudo ressalta a importância da ultrassonografia pré-natal para

identificar essas anomalias e auxiliar no diagnóstico, complementando o cariótipo fetal.

A análise do cariótipo é fundamental para confirmar o diagnóstico e oferecer aconselhamento genético assim como citado por Avelar *et al.* (2019) adequando às famílias, especialmente em casos de translocação, que podem aumentar o risco de recorrência da síndrome em futuras gestações. Este estudo, realizado com alunos da APAE de Maringá, busca oferecer laudos citogenéticos para pacientes com diagnóstico clínico de SD que ainda não passaram por exames citogenéticos, fornecendo um suporte.

No estudo feito por Emer *et al.* (2015) sobre as malformações congênitas em fetos com trissomias dos cromossomos 13, 18 e 21, podemos associar essas diversas malformações, com destaque para cardiopatias como a comunicação interventricular na trissomia 21. O estudo ressalta a importância da ultrassonografia pré-natal para identificar essas anomalias e auxiliar no diagnóstico, complementando o cariótipo fetal.

Nos estudos realizados por Couto (2017), pode-se perceber que com a descoberta do diagnóstico de síndrome de Down (SD) ocorrem mudanças na dinâmica familiar. Utilizando-se do modelo de referencial teórico proposto por McCubbin (1993) identificou-se quais as circunstâncias que tornam mais desafiadoras e vulneráveis no que tange a recepção do diagnóstico, e a vida familiar e sua adaptação após este. Tal estudo contribui para, além de ampliar o conhecimento da população perante o diagnóstico da Síndrome de Down (SD), também para profissionais da saúde ampliando seus conhecimentos, percebendo potenciais e fragilidades de famílias para que possam ajudar nessa adaptação.

Para compreender as percepções maternas perante o diagnóstico de síndrome de Down (SD) de seus filhos, Souza *et al.* (2023) realizou um estudo com intuito de analisar como a forma de transmissão do diagnóstico realizada pelos profissionais de saúde, afetam o emocional e vida das mães e suas reações emocionais maternas perante este diagnóstico. Concluíram que a falta de manejo e sensibilidade para transmitir tal diagnóstico pode potencializar negativamente as reações e emoções das mães, podendo ser amenizado com uma postura acolhedora, profissional e experiente por parte do informante.

Almejando analisar como os profissionais da saúde, especificamente os enfermeiros em questão, quando se sentem preparados academicamente e internamente para os cuidados e necessidades de famílias e crianças diagnosticadas com síndrome de Down (SD), Rodrigues *et al.* (2022) realizaram um estudo que teve como conclusão, a insegurança dos profissionais em orientar famílias por não conhecer suas necessidades visto que não se aprofundaram e não conhecem as especificidades de crianças com SD.

Em concordância com Lira *et al.* (2022), seus estudos apontam que cuidadores de crianças com síndrome de Down (SD), necessitam ter conhecimento e estratégias de cuidados apropriados para tais crianças, para identificar suas necessidades e saber apoiar, além disso necessitam ter uma rede de apoio que os auxiliem nessa jornada para enfrentar as dificuldades do cotidiano, para sua qualidade de vida que por consequência reverbera nos cuidados com tais crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto emocional do diagnóstico de SD nas famílias é significativo e o papel da comunicação clara e empática por parte dos profissionais de saúde é fundamental para facilitar a aceitação. A presença de uma rede de apoio sólida, composta por familiares, amigos e serviços especializados, se revela essencial para ajudar os pais a enfrentar os desafios que surgem após o diagnóstico. Essa rede não apenas promove um ambiente de acolhimento, mas também fornece informações e recursos que podem ser cruciais para a adaptação e o bem-estar das famílias.

A revisão destaca a importância da intervenção precoce, especialmente por meio de atividades físicas, que podem estimular o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças com SD. A prática de exercícios não só contribui para o crescimento físico, mas também melhora a autoestima e a qualidade de vida das crianças, favorecendo uma interação social mais ampla.

A interação interprofissional entre Educação Física, Biomedicina e Psicologia no contexto do diagnóstico e cuidado de pessoas com Síndrome de Down é essencial para promover o bem-estar biopsicossocial do indivíduo. A Educação Física trabalha junto à Psicologia no incentivo à motivação e à autoconfiança durante as atividades físicas, com planejamentos de atividades que promovam interações sociais positivas.

Já a Biomedicina colabora com a Educação Física no fornecimento de informações clínicas, oferecendo parâmetros de segurança para as atividades. A Psicologia, também em colaboração com a Biomedicina, atua no desenvolvimento socioemocional, na aceitação do diagnóstico e na adaptação às demandas específicas da Síndrome de Down, tanto para o paciente quanto para a família.

Portanto, para que as famílias possam lidar de maneira mais eficaz com o diagnóstico de SD, é fundamental que haja um suporte contínuo e um entendimento profundo das necessidades específicas tanto das crianças quanto dos cuidadores. A promoção de um ambiente inclusivo e acolhedor é imprescindível para garantir que todos os envolvidos possam viver plenamente e com dignidade.

REFERÊNCIAS

ANUNCIAÇÃO, L. M. R. L.; COSTA, M. P. R.; DENARI, F. E. Educação Infantil e Práticas Pedagógicas para o Aluno com Síndrome de Down: o Enfoque no Desenvolvimento Motor. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 21, n. 2, p. 229-244, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382115000200005>.

AVELAR, A. C. S.; VALENTE, A. D.; ARAÚJO, M. C.; MORAES, A. M. S. M.; REIS, M. F.; TORRESAN, C. Análise de cariótipos de pacientes com Síndrome de Down sem diagnóstico citogenético. **XI EPCC - Anais eletrônico**, [s. l.], 2019. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br//handle/123456789/3606>. Acesso em: 19 set. 2024.

BARROS, A. L. O.; BARROS, A. O.; BARROS, G. L. M.; SANTOS, M. T. B. R. Sobrecarga dos cuidadores de crianças e adolescentes com Síndrome de Down. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 22 (11) p.3625-3634, 2017. DOI: 10.1590/1413-812320172211.31102016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/PDPpk6nrS79shrcS3drfvFG/#>. Acesso em: 19 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A importância da atividade física infantil**: A atividade física infantil protege contra lesões precoces, ajuda no desenvolvimento motor, no controle de peso e aumenta as chances de um futuro mais ativo. [S. l.]: Ministério da saúde, 31 jan. 2018. Atualizado em 31 jan. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-que-ro-me-exercitar/noticias/2018/a-importancia-da-atividade-fisica-infantil>. Acesso em 25 out. 2024.

COUTO, D. L. **A perspectiva de cuidadores primários acerca do diagnóstico da Síndrome de Down e o processo de adaptação da família nos primeiros anos de vida da criança**. Orientadora: Elysângela Dittz Duarte. 2017. Dissertação (Pós-Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ANDO-AMTNHF>. Acesso em: 28 set. 2024.

EMER, C. S. C.; DUQUE, J. A. P.; MÜLLER, A. L. L.; GUS, R.; SANSEVERINO, M. T. V.; SILVA, A. A.; MAGALHÃES, J. A. A. Prevalência das malformações congênitas identificadas em fetos com trissomia dos cromossomos 13, 18 e 21. **Rev. Bras Ginecol. Obstet.**, Porto Alegre, v. 37 n.7, p. 333-8, 2015. DOI: 10.1590/S0100-720320150005373.

LIRA, A. S.; PAIXÃO, T. M.; SOUZA, M. H. N.; COSTA, M. M.; VASCONCELLOS, R. N.; CONCEIÇÃO, N. V. M. Rede e apoio social no cuidado de crianças com Síndrome de Down. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 30, p. e69572, 2022. DOI: 10.12957/reuerj.2022.69572.

LUNARDI, R. V.; DANZMANN, P. S.; SMEHA, L. N. Comunicação do Diagnóstico da Síndrome de Down: Experiências de Mães e Médicos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 250-269, 2023. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v23n1/1808-4281-epp-23-01-0250.pdf>. Acesso em: 19 set. 2024.

PEDUZZI, M.; AGRELI, H. L. F.; SILVA, J. A. M.; SOUZA, H. S. Trabalho em equipe: uma revisita ao conceito e aos seus desdobramentos no trabalho interprofissional. **Trabalho Educação Saúde**, Rio de Janeiro, 18 (s1): e0024678, 2018. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00246. Acesso em: 28/11/2024.

RODRIGUES, L.; VERNASQUE, J. R. S.; PIO, D. A. M.; NONATO, A. C. Assistência de enfermagem frente às necessidades das famílias de crianças com Síndrome de Down. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [s. l.], v. 96, n. 37, p. e-021193, 2022. DOI: 10.31011/reaid-2022-v.96-n.37-art.1173.

SOUZA, D. M.; TORIYAMA, A. T. M.; SIGAUD, C. H. S.; CAMPOS, F. L. de M. Impacto do diagnóstico de síndrome de Down na perspectiva materna. **REME - Rev. Min. Enferm.**, [s. l.], v. 27, p. e-1508, 2023. DOI: 10.35699/2316-9389.2023.37077.